



DAMAS DO SÃO JOÃO: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NAS/DAS QUADRILHAS JUNINAS NO INTERIOR DO CEARÁ

Thiago Silva de Castro¹
Antonio Cristian Saraiva Paiva²

RESUMO

Este texto parte de reflexões a respeito de processos vivenciados por grupos de quadrilha junina do interior do Ceará. A face desse movimento cultural que nos interessa aqui é a presença de mulheres travestis e transexuais no interior dessa manifestação, cujas existências nesse contexto suscitam questões capazes de promover importantes reflexões acerca da experiência de pessoas trans em nossa sociedade, uma vez que a quadrilha e as festas juninas, enquanto manifestação típica, fazem parte dos fluxos culturais que a caracterizam. Sob esse aspecto, o trabalho procura refletir sobre o lugar ocupado por essas pessoas dentro dessa expressão festiva, observando os contrastes e paradoxos contidos na vivência de tais indivíduos no âmbito da cultura junina a partir de seus próprios discursos. Tenta ainda captar os significados sociais atribuídos por tais pessoas a sua inserção nesse meio, buscando compreender em que medida essa experiência na quadrilha junina atua na consolidação de uma ideia de feminilidade para as mulheres trans no contexto em questão.

Palavras-chave: Quadrilha junina, Mulheres travestis e transexuais, Público LGBTT, Feminilidades *trans*.

INTRODUÇÃO

O tema de que trata este trabalho tem como foco o contexto das quadrilhas juninas competitivas do Ceará, mais especificamente da cidade de Sobral, localizada na região norte do estado. O presente artigo propõe iniciar uma discussão que ainda será melhor desenvolvida em pesquisa posterior. Neste momento, nosso esforço está voltado à compreensão da experiência de mulheres travestis e transexuais participantes desses grupos no município, visando buscar entender a inserção de tais personagens nessa manifestação cultural bastante popular nos fluxos culturais cearenses, sobretudo nos meses de junho e julho de cada ano.

As quadrilhas juninas cearenses, por participarem de concursos³ que visam a conquista de premiações durante os meses citados, terminam por construir uma lógica de preparação

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (thiagonoda@hotmail.com);

² Professor e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC (cristianspaiva@gmail.com);

³ Para uma melhor compreensão sobre os concursos juninos no estado do Ceará, conhecidos como *festivais de quadrilhas*, ver a dissertação de Thiago Silva de Castro: *Política das relações*



intensa e duradoura, que demora cerca de nove meses, até que o São João⁴ inicie no estado. Nesse período, um cotidiano marcado por especificidades, interesses e aspectos próprios cria um público imerso nos assuntos juninos durante o ano inteiro: são os chamados *quadrilheiros*⁵. A quadrilha termina por formar um universo próprio, um contexto simbólico que, embora em constante diálogo com as outras dimensões da vida, parece funcionar dentro de um tempo-espço dotado de especificidades.

Percebe-se, a partir de uma inserção no meio, que atualmente a participação de indivíduos ligados aos segmentos LGBTQTT tem sido uma tônica desse movimento cultural, sendo esse grupo predominante dentro da manifestação. Por outro lado, a ideia de tradicionalidade que marca as chamadas manifestações da cultura popular – do que a quadrilha junina não escapa – ainda indica parâmetros performáticos a serem seguidos, visando manter uma permanência estética e ritualística. Dos aspectos destacáveis dentro da quadrilha junina, a questão dos papéis binários de gênero, fincados na ideia de *dama* e *cavalheiro*, é o que mais merece destaque, por chocar-se com alguns pontos e complexidades que envolvem o público participante da manifestação hoje.

A significativa presença de mulheres travestis e transexuais na manifestação junina cearense é um traço que merece destaque. Embora percebidas como pessoas do gênero feminino, a participação dessas pessoas ainda se encontra exposta a muitos paradoxos. Nota-se que, para serem completamente aceitos nos grupos, tais indivíduos necessitam moldar a feminilidade que trazem em seus corpos a um padrão, cujo modelo referencial hegemônico é o da mulher *cisgênero*, cujo comportamento é performatizado a partir de ideais de *delicadeza*, *passividade* e *graciosidade*. Mulheres travestis e transexuais carregariam o estigma de ainda trazerem em seus corpos a marca de uma *masculinidade borrada*, que teria de ser completamente invisibilizada para que pudessem ser vistas naturalmente como damas. Apesar disso, essas mulheres enxergam a quadrilha como um ambiente de agregação, onde não seriam discriminadas por sua identidade de gênero e no qual sua feminilidade poderia se expressar do

quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25527>.

⁴ Para os indivíduos inseridos na lógica das quadrilhas juninas, o São João corresponde a um circuito de competições ocorridas em sua região ao longo dos meses de junho e julho, quando acontece a culminância de seus trabalhos, desenvolvidos ao longo de um período que leva vários meses.

⁵ Para uma melhor compreensão sobre o termo *quadrilheiro*, ver a dissertação de Thiago Silva de Castro: *Política das relações quadrilheiras*: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25527>.

(83) 3322.3222

modo mais pleno possível. Isso provoca a pergunta: quem são as mulheres *trans* participantes da manifestação junina cearense? E que lugar ocupam dentro dela?

Um dos principais objetivos deste escrito é buscar captar a experiência dessas pessoas nas quadrilhas juninas cearenses, com foco na cidade de Sobral/CE. Busca-se, a partir da fala de mulheres *trans*, entender o significado que atribuem à manifestação cultural em questão na consolidação de suas identidades de gênero, tentando ainda perceber quais questões são agenciadas por essas mulheres na busca por participarem de uma quadrilha junina. Nesse movimento, o texto tenta também promover uma reflexão sobre o lugar de tais pessoas nas expressões da chamada cultura popular, enquanto busca traçar um perfil das mulheres travestis e transexuais quadrilheiras do interior do Ceará.

METODOLOGIA

As reflexões que originaram este texto são advindas da experiência de aproximadamente 20 anos de um dos autores deste trabalho participando⁶ do movimento junino⁷ de Sobral/CE, articulada a conversas estabelecidas com três mulheres *trans* participantes de quadrilhas juninas da cidade no início de 2018. O intuito de tais encontros foi a realização de um documentário em curta-metragem sobre a vivência dessas pessoas no universo quadrilheiro da cidade, intitulado de *O São João também é trans*. O filme foi desenvolvido em parceria com a quadrilha junina Estrela do Luar⁸ e a prefeitura municipal da cidade, por meio de um apoio captado via edital de incentivo. Após finalizado, o filme foi exibido e debatido em alguns espaços da cidade de Sobral, oportunidades em que também foram geradas algumas perspectivas analíticas desenvolvidas no presente trabalho.

As conversas com as interlocutoras foram realizadas a partir da perspectiva da *entrevista compreensiva* (KAUFMANN, 2013, p.98-99), um modelo reflexivo e experimental conduzido

⁶ Thiago é participante de quadrilha junina desde a infância, tendo passado a coordenar, junto com outras pessoas, um grupo de quadrilha junina no ano 2004, chamado *Estrela do Luar*. Nesse grupo, teve a oportunidade de exercer várias funções, além da de coordenador, como a de dançarino, desenhista de figurinos e a principal delas: cantor. O grupo parou no ano de 2019, sem previsão de retorno, mas sua inserção nesse universo permanece por outras vias. Além disso, realizou pesquisa sobre o tema durante a graduação e no mestrado, sendo sua monografia e dissertação resultados dessa inserção;

⁷ Para uma melhor compreensão da ideia de Movimento Junino, ver *Neto 2008*: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/438/1/arquivo1018_1.pdf

⁸ Quadrilha junina do município de Sobral/CE, da qual Thiago Silva de Castro participava até 2018.

pelo pesquisador que visa reconstruir a identidade dos indivíduos a partir da fala orientada com base no contexto em que estes se inserem cotidianamente. Esse tipo de entrevista visa minimizar a distância entre o entrevistado e o pesquisador, embora admita o direcionamento deste, entretanto, parte de ideais pautados na experiência produzida nesse encontro de subjetividades, privilegiando a reflexão de si mesmo. A partir do conteúdo desses registros, as diretrizes que embasam este texto foram estabelecidas.

A PRESENÇA DO PÚBLICO LGBTT NA MANIFESTAÇÃO JUNINA

Tal como constatado por outros autores que se dedicaram a analisar os espaços de sociabilidade construídos pelas quadrilhas juninas, dentre os quais podemos aqui citar Eduardo Di Deus (2014, p.83), que realizou pesquisa entre os participantes do movimento junino de Rio Branco – capital do Acre –, também nos foi possível observar no universo junino das quadrilhas competitivas da cidade de Sobral/CE uma intensa presença do público LGBTT no interior dessa manifestação.

Assim como em Rio Branco, o movimento quadrilheiro cearense é composto fortemente pelo chamado *público gay*. É difícil precisar o grau de presença desse grupo identitário dentro do contexto relativo às quadrilhas juninas, não temos como precisar o quão grande seria a presença de tais indivíduos entre os que compõem os grupos quadrilheiros. Entretanto, a partir da inserção nesse meio, é possível observar uma grande expressividade do público LGBTT dentro do contexto simbólico das quadrilhas juninas competitivas, o que permite pensar nesse espaço como uma possibilidade de afirmação para tal grupo, marcado pela estigmatização e pela subjugação dentro do todo social.

Para além do fato da notória presença do público gay, a existência de indivíduos que transitam entre performances masculinas e femininas no processo social que constitui as quadrilhas juninas é um aspecto que se apresenta de modo a ser considerado. Um exemplo a ser citado são chamadas disputas de *Rainhas G*, como são conhecidas. Tais eventos, observados por Hayesca Costa Barroso (2017), são produções em que homens gays que se vestem de dama junina, mulheres travestis e transexuais realizam apresentações artísticas em busca de uma premiação. Esses eventos, que iniciaram localmente entre as próprias quadrilhas, passaram a

ter suas próprias versões de nível estadual, geralmente promovidas pelas federações juninas⁹. Eles têm se mostrado como um interessante espaço de expressão para o público quadrilheiro LGBTT, sendo que cada quadrilha passou a ter sua própria “representante G”. Essas realizações, hoje parte dos calendários das quadrilhas juninas cearenses durante o período que antecede o São João, se tornaram acontecimentos que costumam reunir o público quadrilheiro em torno da valorização e visibilidade da diversidade sexual e de gênero.

É necessário registrar, por outro lado, conforme lembra Barroso, que a presença de homens homossexuais e pessoas transexuais nas quadrilhas juninas não se limita a essas participações nos concursos de *performances* individuais nas cenas da *Rainha G*. Confirmando nossas observações, a autora afirma que esse público está presente majoritariamente na produção técnica da festa junina, desde a idealização/confecção dos figurinos até a montagem de coreografias. “Trata-se, portanto, de uma apropriação que extrapola o âmbito das *performances* cênicas das/nas quadrilhas juninas, mas que também ocupa os bastidores da festa, sua produção e também o seu consumo” (BARROSO, 2017, p.182). A presença dessas pessoas atravessa diversos segmentos dentro de uma quadrilha, desde o grupo de brincantes, passando pelas comissões de coordenadores, até a equipe técnica.

Pode soar precipitado afirmar categoricamente que as quadrilhas juninas dentro do âmbito aqui pesquisado representem um importante espaço para a sociabilidade, expressão e mesmo de “autodescoberta” para indivíduos LGBTT, o que certamente requer um estudo mais aprofundado, mas alguns casos observados ao longo da participação de um dos autores do presente escrito nesse meio apontam nessa direção. A quadrilha junina parece representar um espaço agregador e mesmo *empoderador* para esses indivíduos, onde demonstram sentirem-se mais à vontade para agir conforme desejam, se comparado a outros ambientes em que se inserem: escola, família, trabalho, etc. Consideramos esse um aspecto a ser evidenciado.

Faz-se importante destacar, porém, que essa realidade também desenha suas próprias complexidades, que se manifestam na organização da manifestação junina enquanto elemento cultural. A dimensão da festa junina, que conforme Luciana Chianca (2006) busca performatizar uma antítese da sociedade urbanizada por meio da estereotipação do camponês e seu universo, atua fortemente na construção de uma linguagem comum do período festivo em

⁹ As federações são instituições responsáveis por reger os festejos juninos no estado. Os grupos juninos, em geral, se filiam a essas entidades para terem o direito de participar dos concursos organizados nas diferentes regiões do estado, que por sua vez também devem estar vinculados a elas. No Ceará, a entidade mais antiga e reconhecida é a FEQUAJUCE – Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará.

questão, estabelecendo códigos imagéticos e discursivos seguidos pelos participantes dos folguedos típicos dessa época, como a quadrilha, embora sofram transformações com o tempo. De qualquer modo, como aponta Roberto Marques (2012, p.75), “As festas aparecem assim como uma possibilidade de gestão de si em múltiplos ambientes, produzindo não identidade, mas circulação a partir de múltiplos personagens”, o que também se verifica nos agenciamentos dos indivíduos pertencentes às quadrilhas juninas, em especial no contexto dos festivais competitivos. *Essa gestão de si*, no caso das quadrilhas juninas, se dá na performance artística, mas também fora dela, nos bastidores do espetáculo, onde imagens também precisam ser sustentadas.

As complexidades advindas de tais aspectos se verificam principalmente na experiência de mulheres travestis e transexuais nesse meio, cuja participação manifesta particularidades. No contexto dos concursos de quadrilha junina, no qual os grupos moldam a forma como se constituem a partir de um conhecimento regulado e acumulado com base em dispositivos de poder (FOUCAULT, 2014) criados com o intuito de, ao mesmo tempo, formatar e preservar um entendimento considerado tradicional da quadrilha junina (NETO, 2009), as mulheres *trans* reportam seus ideais de pessoa feminina àquilo que os regulamentos, formais e informais, do *movimento junino* determinam como comportamentos intrínsecos às damas. A partir do que narram as mulheres trans participantes de quadrilha junina, é possível falar em um *reconhecimento simbólico* dessas pessoas no âmbito concernente a tal manifestação cultural, uma vez que as quadrilhas são retratadas nas falas de tais pessoas como espaços agregadores das diferenças que trazem consigo.

Levando em conta que “A dimensão simbólica [...] vai muito além daquilo que está expresso em qualquer código de direito, ou mesmo nos princípios formais que balizam os procedimentos e nas leis positivadas” (OLIVEIRA, 2011, p.457), podemos depreender que aquilo que costuma ser negado aos indivíduos considerados desviantes pelas regras normativas da sociedade, embora as leis preconizem direitos iguais a todas as pessoas, podem ser encontrados em espaços específicos. No caso das travestis e mulheres transexuais quadrilheiras, o contexto simbólico e material das quadrilhas juninas parece representar um lugar de aceitação e vivência desses direitos. Entretanto, por se tratar de uma manifestação que ritualiza um padrão social hegemônico, estabelecendo performatividades de gênero binárias definidas para o masculino e o feminino (damas e cavalheiros), e considerando que “[...] travestilidades não podem ser sem um corpo transformado, marcado por um feminino que procura borrar, nesses corpos, o masculino [...]” (PELÚCIO, 2009), as mulheres trans costumam, não raras vezes, ser

colocadas em uma condição de ambiguidade dentro da manifestação junina. É sobre tais aspectos que trataremos a seguir.

FEMINILIDADES *TRANS* NO CONTEXTO JUNINO

As pessoas de experiência trans na quadrilha junina cearense, ao que foi possível perceber, possuem uma inserção nesse contexto que se traduz na construção ou consolidação de uma identidade, que por sua vez extrapola os limites da manifestação cultural. O *ser quadrilheiro*, elemento que atua na subjetividade dos participantes estabelecendo um sentimento de pertencimento a partir da inserção e do contato dos indivíduos com aspectos próprios da cultura junina competitiva (CASTRO, 2018) atua sobre as mulheres travestis e transexuais de modo específico, porém, também inscreve em suas experiências elementos subjetivos que atingem a todos os indivíduos que compõem o meio em questão. Tais aspectos podem ser percebidos na fala de Andrink sobre seu processo de inserção nesse meio:

Eu comecei a frequentar o Dom Expedito¹⁰, e lá eu me relacionei com uma pessoa que na época dançava numa quadrilha que era muito famosa: Atiçando fogo¹¹. Então eu comecei a achar muito bonito aquilo. Eu não gosto muito de carnaval porque eu sou muito casa, mas era algo que eu achava muito bonito, muito lindo, então é tanto que eu nunca dancei um São João como homem, sempre foi como mulher. E hoje o São João, pra mim, é uma realidade. Durante o ano todo, a festa mais maravilhosa que existe pra mim é a festa do São João, sabe? Eu me realizo totalmente, é quando eu me sinto realmente a Andrinki, sabe? Quando eu tô dando o meu nome, quando eu tô dançando, quando eu tô me inspirando. Ave Maria! O São João, pra mim, hoje eu não sei nem explicar! Por exemplo, como eu falei, pra mim é o único divertimento que eu tenho o ano todo chama-se “São João”. São seis meses da minha vida que eu me dedico totalmente, tanto que eu me entrego de corpo e alma, procuro ajudar de todas as formas porque é uma festa, pra mim, muito importante, sabe?

O relato de Andrink é importante para se pensar a representatividade do universo simbólico composto pelas quadrilhas juninas competitivas no estado do Ceará. Ele traz elementos próprios do discurso da maioria dos quadrilheiros. Para essas pessoas, fazer parte de uma quadrilha junina é sinônimo de envolvimento e doação, em um misto de sentimentos que envolve paixão, encantamento, competitividade e a busca por um prestígio social cultivado dentro do meio constituído pelas quadrilhas. O que classificamos como “ser quadrilheiro” se

¹⁰ Bairro da cidade de Sobral;

¹¹ Quadrilha junina sobralense muito conhecida entre as décadas de 1990 e 2000, hoje extinta;

refere a uma categoria de “autodefinição” (CASTRO, 2018), que embora possua uma classificação formal, estabelecida pela lei que cria o *dia do quadrilheiro*¹², parece extrapolar tal conceituação nas práticas dos indivíduos, pois estas, como chama atenção Bourdieu (2011) em sua teoria da prática, formam o elemento central da vida social, sendo as ações e usos – mais que qualquer teorização ou definição cristalizadora – produtores de sentido. Por essa via, a subjetividade dos indivíduos praticantes da manifestação no interior de uma rede de relações dentro da qual as pessoas compartilham interesses, pensamentos e afecções é determinante para se pensar na relação construída entre os chamados quadrilheiros e o universo do qual, por meio da mediação das quadrilhas juninas, partilham.

Para além do traço sentimental que nossa interlocutora põe em evidência ao se referir à manifestação junina, ela expõe em sua fala algo que aparece deslocado, mas que parece desnudar uma tensão. Diz que *nunca dançou um São João como homem, apenas como mulher*. Essa fala nos leva a perceber um paradoxo, pois ela traz inclusive um tom de orgulho, o que denota que tal fato se expressa como um privilégio de que nem todas as mulheres trans que dançam quadrilha junina podem usufruir. Esse foi, por exemplo, o caso de Islândia Nara, que dança no mesmo grupo junino desde 2001, mas, segundo disse, só teve a oportunidade de assumir sua identidade de gênero em 2008, decisão essa que não dependeu dela, mas foi facultada a terceiros. Ela conta que já não se sentia à vontade no papel masculino, mas não tinha a permissão para assumir a performance da dama:

Foi desde o dia em que eu botei uma saia, que eu fiz o marca-passo¹³, que eu joguei meu cabelo, eu disse assim: não, não é pra mim dançar de homem mais. Em 2008 eu ensaiei de homem ainda até março, aí foi que contrataram o Paulo Duley¹⁴ lá de Camocim¹⁵, ele me observou dançando de homem, não gostou e mandou eu colocar uma saia, fazer o marca-passo e rodar. Aí ele disse: “Não, não dá pra tu dançar de homem, tu vai dançar é de mulher!” Aí eu peguei e disse: Não, os meninos não vão deixar, porque eu sou magra, não tenho corpo de mulher, não sou afeminada ainda... [...]. Aí quando foi um dia, passou uma semana eu ensaiando de homem. E eu: Cadê? Tu não disse que eu ia dançar de mulher? Os meninos não vão deixar, e ele: “te acalma, que vai dar certo!”. Quando foi numa terça-feira fizeram a formação da quadrilha, aí o Jardel [presidente da quadrilha em que ela dança] conversou com todo mundo, né? Disse que ia ter uma troca. Todo mundo pensava que já era coisa de destaque, só que não era. “O Thomas, a partir de hoje, não é mais Thomas, agora ele é Islândia, ele vai dançar de mulher.”. Fui lá no céu! Joga purpurina pra cima!

¹² <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/03/04/sancionada-lei-que-institui-o-dia-nacional-do-quadrilheiro-junino>

¹³ Passo base da quadrilha junina, que serve de referência para os movimentos coreográficos do grupo;

¹⁴ Coreógrafo que desenvolveu trabalhos em diferentes quadrilhas juninas na cidade de Sobral. Vale ressaltar que, na quadrilha Junina, o coreógrafo, mais do que montar coreografias, é uma espécie de diretor artístico, que cria, desenvolve e dirige um espetáculo de artes integradas;

¹⁵ Cidade do litoral cearense.

Que a minha felicidade era dançar de mulher! Aí eu chorei nesse dia. Aí todo mundo me abraçou e tal...

Para Rafael Noleto (2016), no interior do universo junino, travestis e transexuais, ao lado de outros sujeitos que subvertem as normas de gênero – como homens gays que se vestem de mulher – portam uma *feminilidade indesejada*, cuja presença só é percebida com naturalidade caso possa se tornar praticamente invisível, por meio de uma construção imagética que faça dessas pessoas o mais parecido possível com o modelo da mulher *cis gênero* dentro da dança junina. Esse processo resulta da quadrilha junina encarada como uma técnica (CASTRO, 2018), como um aprendizado através do corpo (MAUSS, 2003), cujo papel também é estabelecer os comportamentos estéticos e sociais referentes a homens e mulheres dentro da dança, pois como lembra Berenice Bento (2006, p.26), o gênero se faz por meio de atos corporais, estéticos e linguísticos.

Essa invisibilidade de que trato aqui se remete a aquisição de traços performáticos condensados na personagem da dama junina, cuja composição exige não somente movimentos que expressem uma delicadeza no bailado e expressões, mas sobretudo na vestimenta. Tais aspectos visam padronizar o que viria a ser uma mulher no jogo de cena que compõe a apresentação de uma quadrilha junina, cujo objetivo seria expressar um ideal de delicadeza, graciosidade e elegância, ao contrário dos cavalheiros, cuja postura deve manifestar garra e virilidade, sempre em uma posição de cortejo à dama, por ele conduzida na maior parte dos passos. Essa composição generificada da dama é bem explanada por Andrink quando discorre sobre suas afecções no processo de composição de tal personagem:

Quando eu tô dentro de quadra eu me sinto a verdadeira mulher. Porque só o prazer de estar vestindo aquele vestido, todo aquele detalhe de vestir a meia, calçar o sapato, fazer penteado, colocar um arranjo, então... São todos os pontos que uma mulher faz, tá entendendo? Não é só ser uma travesti, vestir uma saia, uma blusa e sair na rua... Não! É todo um projeto pra gente ficar realmente uma mulher, entendeu? E quando a gente tá dançando a gente tá lá como personagem, porque lá, por debaixo do vestido, ninguém sabe o que é. A gente tá vestida, a gente é uma mulher. Então por isso que eu lhe digo que eu me sinto muito mais mulher, porque eu sou vista como: “ah, é aquela mulher ali que dança naquela quadrilha”, então eu sou apontada como “a mulher”. As pessoas me apontam como “a mulher”, aquela mulher que dança na ponta, aquela que tá com o vestido tal... Então, isso pra gente é muito prazeroso, porque as pessoas veem e apontam a gente como “a mulher”.

A fala de Andrink se mostra rica para uma reflexão acerca da representação da quadrilha junina para as mulheres trans. Para ela, o ato de dançar quadrilha parece legitimar de algum modo sua feminilidade, o que, pelo que se pode depreender de sua fala, não ocorre em todos os espaços. Padronizar-se, vestir-se e comportar-se como as demais damas da quadrilha junina,

por algum motivo, faz Andrink se sentir *mais mulher*, pois nesse contexto suas singularidades de pessoa trans ficariam, pelo menos de acordo com sua interpretação, menos evidentes.

É interessante notar que nossa interlocutora traz a montagem da dama, em sua fala, como um *projeto*, dando a ideia de que se trata de algo que requer uma dedicação e um certo investimento estético, que no caso de uma travesti representaria um esforço de invisibilizar ao máximo qualquer traço que possa vir a ser interpretado como masculino. Faz-se relevante destacar ainda o seguinte trecho: *porque lá, por debaixo do vestido, ninguém sabe o que é*. Aqui, Andrink parece apontar para a dimensão simbólica da genitália na experiência travesti, indicando que sua identidade de gênero não costuma ser questionada no espaço da quadrilha junina, por estar vestida e maquiada exatamente do mesmo modo que as mulheres cisgênero participantes dessa manifestação, levando-nos a inferir que tal fato não costuma ser recorrente em seu cotidiano. Nesta dimensão, a atmosfera da quadrilha faz de Andrink *não ser só uma travesti*, como a própria narra, mas se sentir como uma mulher cisgênero, encarada como igual a ela.

Apesar dos apontamentos acima, cabe destacar que essa percepção da mulher trans como igual à cisgênero nem sempre se manifesta como uma máxima. Outra entrevistada, Helge Sousa, descreve bem as tensões envolvidas nessa busca por ser percebida como “igual” dentro e fora da manifestação quadrilheira, mesmo ocupando tacitamente o lugar de dama junina. Helge é lembrada em Sobral por ter sido a primeira mulher transexual a ocupar o cargo de rainha em uma quadrilha junina da cidade, no ano de 2005, quando estas questões sequer ainda eram tratadas nesse contexto. A personagem da rainha é emblemática dentro da performance artística de uma quadrilha junina. Considerada um papel de destaque dentro do ritual festivo, ela representaria *a mulher mais bela do arraial* (CASTRO, 2018), e, embora ocupe um lugar de menos passividade em relação às demais damas, por ser dona de uma dança mais independente de seu par em determinados momentos, seus aspectos estéticos também trabalham no sentido de reproduzir um ideal binário de gênero. Helge diz:

Quando foi pra eu ser rainha na Botando Quente¹⁶, antigamente era assim: o dono não chegava na pessoa e dizia “você vai ser minha rainha”. Não. Tinha uma disputa das meninas. Quem queria ser rainha, se fosse cinco, ele dava uma quantidade certa de cartelas de bingo pra gente vender. Quem vendesse mais, ia ser a rainha. Aí em 2004 eu entrei na disputa, né? Só por brincadeira! Não ganhei, mas eu fiquei em segundo lugar. Aí em 2005 era eu e mais duas amigas minhas. Aí não sei o que foi que deu, eu fui e ganhei. Aí eu falei: e aí Lucielane [presidente do grupo], como é que vai ser? Ele disse: “você não

¹⁶ Quadrilha junina sobralense muito conhecida, hoje extinta.

ganhou? Então vai ser você”. E não vai ter problema não? “Não, tem não, eu acho que não”. Aí foi... Na quadrilha, eu fui aceita totalmente, menos uma pessoa.

Mais à frente, após discorrer sobre sua escolha como rainha, a interlocutora lembra que sua ascensão ao cargo causou uma polêmica dentro do contexto quadrilheiro da cidade:

Foi até que teve um debate lá nesse mesmo ano, antes do festival, quando descobriram que eu ia ser rainha. Eles debateram lá numa reunião que teve na Casa da Cultura¹⁷. Aí perguntaram: e se a rainha for uma trans? Aí eles falaram que não tinha nenhum problema, porque na capital já teve essas coisas, já tinha antigamente, aí ficou tudo bem. Teve um rapaz de outra quadrilha, lá do Sinhá Sabóia, que ele não gostou disso aí. Ele ficou debatendo toda vez, aí pronto. Mas também depois daí eu não quis mais não, porque é uma coisa que pesa demais na consciência da gente, e a comunidade aqui também não apoiou.

A ideia de tradicionalidade dentro do contexto das quadrilhas juninas tende a reforçar, dentre outros aspectos, um demarcado binarismo de gênero. Um dos motivos para isso é a presença do casal de noivos, que dentro da tradição junina do estado do Ceará são considerados os personagens mais importantes, são *os donos da festa* (CASTRO, 2018). O noivo representaria um ideal de cavalheiro, viril, valente e protetor da dama, enquanto a noiva seria uma jovem romântica e frágil mulher, com uma agência reduzida em relação ao cavalheiro. A quadrilha seria dançada em homenagem aos noivos, cujo casamento é encenado após uma série de barreiras enfrentadas pelo casal, sendo a principal a proibição por parte da família da moça. Esse casal, em geral, serve de modelo imagético central para a composição performática dos demais pares da quadrilha. Esse modelo ideal, evidentemente, não abre espaço para uma experiência trans em sua composição.

O fato de Helge ter passado por resistências quanto à ocupação do cargo de rainha demonstra fortemente o peso que essa “tradicionalidade” contida no papel de dama e cavalheiro possui no imaginário coletivo. Para alguns, colocar uma mulher transexual em uma posição de tanto destaque não seria algo palatável, afinal, as quadrilhas estariam repletas de mulheres *cis* para ocupar esse lugar – o que, dentro de uma lógica hegemônica, seria o ideal. Se mulheres travestis e transexuais são portadoras, como diria Noleto (2016), de uma *feminilidade indesejada*, que necessitaria ser invisibilizada, o papel de destaque representado pela figura da rainha não seria indicado para essas pessoas, uma vez que tais posições costumam conceder bastante visibilidade àquelas que são postas nessa condição. Embora tenha havido uma aceitação por parte das pessoas de sua própria quadrilha, como afirma Helge, a exposição de sua participação ao crivo de um universo maior de pessoas e as divergências que tal fato causou

¹⁷ Casarão histórico onde funciona a sede da política de Cultura na cidade de Sobral.

nesse âmbito a fizeram repensar seu interesse pelo papel de rainha, levando-a a não mais querer esse lugar de *visibilidade*. Por outro lado, para essas pessoas, o universo simbólico das quadrilhas juninas, mesmo com a presença de limitações, é encarado como uma alternativa diante de uma realidade, na maior parte das vezes, hostil a quem é visto como dissidente. É o que conta Islândia Nara:

Já me tirou de muita coisa, o São João... Me tirou de droga! Porque eu já usei droga, com uns 16 anos... Me tirou de muita coisa! Já pensei em andar em posto pra me vender... Ele me tirava! Os ensaios¹⁸ eram na semana, aí não tinha como eu ir com as amigas pra lá, porque tinha ensaio... Eu preferia está no ensaio do que tá me vendendo. Nunca pensei em me vender. Ia pra seresta com as minhas amigas, elas saíam e eu não ia, porque eu nunca tive essa vontade. Meu negócio era quadrilha. Terminava São João, tinham as bebedeiras, eu preferia ir pra onde eles tavam porque sempre rolava quadrilha. Mesmo quando terminava o São João continuavam sempre as mesmas pessoas. Era só quadrilha, quadrilha, quadrilha!

A experiência socializadora do contexto quadrilheiro é, segundo Islândia Nara, responsável, em muitos aspectos, por direcionar a vida dos indivíduos que nele estão intensamente inseridos, em especial de mulheres travestis e transexuais. Segundo ela, a experiência de *dançar São João* teve muita representatividade em sua vida. Ela acredita que se não fosse por sua inserção nesse meio, hoje *poderia estar nas drogas ou assassinada*. Para exemplificar tal argumento, conta a história de uma amiga que, segundo ela, teve esse destino.

A gente foi criada quase juntas. A gente se tinha como irmãs, eu e ela. Era uma amizade forte, mesmo tendo nossas desavenças, de pequenas até nós grandes. Era uma amiga mesmo de coração que eu tinha, aliás, tenho até hoje, né? [pausa. A entrevistada se emociona] Aí 2012 foi o ano que ela conheceu pessoas que andam no posto¹⁹, onde as meninas fazem programa. Ela: “bicha, esse é meu último ano, eu vou seguir outra vida!” E eu disse: que vida, viado? “Vou começar a fazer programa, ganhar dinheiro, já que eu não tenho estudo, e a senhora já trabalha, tem seu estudo”... E eu: não... eu tenho estudo, mas eu não terminei ainda, eu parei, tu sabe que eu parei. E eu disse: mulher, vai estudar, pra tu ir pra Grendene²⁰. E sempre eu dizia pra ela: bicha, quando estiver trabalhando eu vou alugar uma casa, e vai morar nós duas dentro. Só que a gente começou andar em seresta, começou a andar nessas coisas e ela começou a usar droga. Não vou mentir, usei sim com ela, não vou mentir... Mas eu vi que ali não era meu rumo, não era minha vida usar droga. Minha vida era estudar, trabalhar e ajudar a minha mãe e meus amigos que precisavam. Aí foi que ela começou... Parou de dançar quadrilha, parou de ser, como é que se diz... Uma trans que gosta de andar arrumada, maquiada, essas coisas... Parou totalmente! Só sabia dali, que eu chamo ali não é posto não, ali é um inferno. Aí quando foi 5 horas da manhã, que eu me acordei pra ir

¹⁸ Os ensaios são os momentos de preparação e montagem do trabalho que a quadrilha apresentará durante os meses de junho e julho. Duram, em média, um período de seis meses.

¹⁹ Posto de gasolina situado na saída de Sobral, à beira da rodovia que liga a cidade à capital, Fortaleza.

²⁰ Grande indústria do setor calçadista instalada na cidade de Sobral.

trabalhar, eu escutei as primas dela tudo chorando. E eu: valha! O que foi que aconteceu? Aí a prima dela me mandou uma mensagem: “acabaram de matar a Priscila”. Aí meu mundo caiu!

Esse trecho da entrevista de Islândia joga luz sobre os processos materiais e simbólicos presentes na experiência trans em nossa sociedade. Ao narrar a história da morte de sua amiga Priscila, ela aponta de modo taxativo os espaços geralmente relegados a pessoas com existência semelhante à sua. Segundo Luma Nogueira de Andrade (2012), que pesquisou a vida escolar de travestis no estado do Ceará, há uma imagem hegemônica em torno dessas pessoas, a partir da qual “[...] a travesti é rejeitada pela família, escola ou sociedade, tendo como única saída à prostituição.” (ANDRADE, 2012, p.15). Para a pesquisadora, que é travesti, esse modelo ainda é uma realidade persistente como alternativa de vida para tais pessoas, entretanto, afirma que isso também é parte de um imaginário em torno dessas existências, que certamente atua na conformação dessa exclusão social. Para ela, as jovens travestis já demonstrariam sinais de ruptura com esse estereótipo, cuja ação contribuiria para uma imobilidade social de tais agentes. Conforme escreve, “Mesmo consideradas à margem da sociedade, elas sobrevivem, a exemplo das travestis estudantes, funcionárias públicas, educadoras, etc.” (ANDRADE, 2012, p.15).

Islândia, em certa medida, representaria essa face narrada por Luma, uma vez que, contrariando as expectativas sociais, nas quais uma pessoa trans no Brasil vive em média apenas 35 anos²¹, conseguiria estudar e, posteriormente, trabalhar. Na época em que foi entrevistada, Islândia era funcionária da prefeitura de Sobral, atuando como auxiliar de serviços gerais em um espaço destinado a jovens periféricos da cidade. Embora sua profissão não costume ser vista com prestígio, ela considerava uma vitória ocupar esse lugar que, segundo disse, teria sido negado à Priscila, sua amiga assassinada em uma zona de prostituição. A história de Priscila, por sua vez, encarnaria o exato oposto dessa vivência, representado pela imagem criticada por Luma como conformadora da experiência travesti em nossa sociedade, que, mais do que estigmatizante, contribuiria para a perpetuação da exclusão dessas pessoas. À época do assassinato de Priscila, Islândia era operária em uma famosa fábrica de calçados da cidade, trabalho que conseguiu por ter algum grau de escolaridade, ainda que incompleto. Tal aspecto era percebido pela amiga como um privilégio do qual ela não teve como usufruir e que, segundo nossa interlocutora, teria sido determinante para seu trágico fim. Segundo contou, Islândia

²¹ <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>

voltou a estudar, tem planos de fazer um curso técnico e ter uma profissão, contrariando os prognósticos.

A quadrilha junina claramente aparece como um fator de reconhecimento simbólico para ela. Mais que isso, a teria – a partir da convivência com outras pessoas interessadas nos mesmos assuntos e práticas que ela – levado a construir uma trajetória diferente da que se desenha para a maior parte das mulheres travestis e transexuais em nossa sociedade. Obviamente, faz-se necessário tomar os devidos cuidados para não construir uma narrativa salvacionista e redentora em relação à manifestação junina, mas as falas aqui destacadas parecem deixar evidente a importância que esse universo tem para as pessoas enfocadas na busca por reconhecimento e construção de uma identidade menos marginal. Cabe lembrar que a própria quadrilha junina ainda representa uma manifestação periférica na cidade de Sobral, protagonizada por uma juventude advinda predominantemente dos bairros mais pobres do município, simbolizando, neste sentido, também um lugar de protagonismo para tais indivíduos, que virariam *estrelas* durante o período do São João. As contradições verificadas no campo da aceitação da identidade de das mulheres trans se manifestam como influências da estrutura ritual da dança junina, cuja divisão fixa entre damas e cavalheiros tende a reafirmar a cisgenderidade como corporalidade dominante, tendendo, em muitos momentos, a naturalizar as transexualidades como inadequadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito teve como objetivo ampliar reflexões incipientes sobre o que virá a ser uma pesquisa maior acerca da presença de pessoas LBTT+ no contexto da manifestação quadrilheira. A partir de uma tentativa de pensar a experiência de mulheres travestis e transexuais nas/das quadrilhas juninas de Sobral/CE, a proposta foi pensar o lugar que essas pessoas ocupam dentro da manifestação e, por extensão, dentro da sociedade em que vivemos.

Esse exercício se mostra, sem qualquer dúvida, bastante desafiador. Como homens cisgênero, de classe média e considerados brancos, podem pensar sobre uma existência da qual não partilham? O cuidado para não exotizar a vida do outro é fundamental, mas problemático à medida em que há uma expressa intenção de *tematizá-lo*. Nesse sentido, buscamos nos inserir nesse processo a partir do que nos aproxima das interlocutoras do trabalho – perspectiva que pretendemos adotar daqui para frente. Nossa condição de gays (pessoas LGBT) e, no caso de

Thiago, a *identidade quadrilheira*, foram capazes de nos colocar em um caminho possível na busca por minimizar as desigualdades que a situação de pesquisa costuma estabelecer entre pesquisador e pesquisado, já que elas sempre existirão. Reconhecer esses privilégios parece fundamental na tentativa de produzir reflexões que, mais do que jogar luz sobre uma problemática, atuem na amenização do distanciamento do ambiente acadêmico em relação ao que é vivenciado pelas pessoas em suas práticas e (re)existências cotidianas.

O que é possível notar até aqui em relação às experiências de mulheres trans participantes de quadrilha junina – ao menos na cidade de Sobral – é que elas ocupam um lugar nesse meio. Por outro lado, as estruturas que compuseram nossa sociedade ainda impõem desafios e limitações à participação de tais indivíduos dentro desse cenário. Considerando a experiência de mulheres travestis e transexuais nesse universo, é necessário pensar nas quadrilhas juninas, enquanto manifestação da cultura popular, não apenas como um espaço que permitiria *inversões*, mas sobretudo *afirmações* de identidades, estando aqui inseridas as de gênero.

Por ora, o que parece chamar atenção é a ambiguidade demonstrada nas falas de minhas interlocutoras, que denotam uma permanente condição de liminaridade (TURNER, 2005) dentro do meio em que se colocam, por encarnarem, na concepção das demais pessoas da realidade social em questão, uma existência desenhada no “entre”, em transição, mais especificamente, entre diferentes representações de gênero cristalizadas no processo social vivido. Essa percepção dos indivíduos em geral a respeito das mulheres trans na quadrilha, explanada indiretamente pelas entrevistadas na narrativa de suas experiências, precisa ainda ser melhor pesquisada e desenvolvida. Tal aspecto certamente será melhor explanado na investigação que aqui se inicia e poderá conceder inúmeras pistas na busca por delinear etnograficamente esse espaço simbólico reservado às mulheres trans na quadrilha junina hoje. No entanto, no que se refere a essas próprias pessoas, não parece haver qualquer dúvida quanto à forma como se enxergam não só contexto junino, mas no mundo.

De todo modo, as reflexões aqui apontadas podem indicar a possibilidade de perceber as manifestações da chamada cultura popular como um espaço ocupado predominantemente pelas diferenças. Tal percepção pode chamar nossa atenção para a identificação de espaços de resistências cotidianas por parte de indivíduos socialmente subjugados. Nesse sentido, se a cultura popular historicamente se manifesta no Brasil como um lugar de resistência política, faz-se necessário observar as resistências existentes dentro da própria resistência, apontando as contradições contidas dentro de tais processos, que não escapam dos sistemas sociais e

simbólicos que constituem a nossa sociedade. Esse exercício, sobretudo nos tempos em que vivemos, pode se mostrar funcional na construção de caminhos que se expressem como linhas de fuga dentro do que se pretende como hegemônico no cotidiano dos dias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa.** Fortaleza: Faculdade de Educação/UFC, 2012.

Bourdieu, Pierre. **O senso prático.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BARROSO, Hayeska Costa. O São João é gay!: horizontes interpretativos sobre performances trans na festa junina no Ceará. *Revista Periódicus*, v. 1, p. 179-197, 2017.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX.** Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006.

CASTRO, Thiago Silva de. **Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE.** Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFRN, 2018.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. **A dimensão simbólica dos direitos e a análise de conflitos.** *Revista de Antropologia* volume 53(2) 451-473, 2011.

DI DEUS, Eduardo. Quadrilhas Juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. In: **Soc. e Cult.** Goiânia. V.17, n.1, p.75-85, jan./jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARQUES, Roberto. Alexandre vai à festa: gênero e criação no forró eletrônico. In: **Etnobiografia: subjetivação e etnografia.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.

NOLETO, Rafael da Silva. **Brilham Estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém/PA.** São Paulo: USP, 2016.

NETO, Hugo Menezes. **O balancê no Arraial da Capital: Quadrilha e tradição no São João do Recife.** Recife: Ed. do Autor, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.



TURNER, Victor. **A floresta dos símbolos**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005.